

Gottfried Brakemeier

O ser humano em busca de identidade

Contribuições para uma
antropologia teológica



2002



Capítulo IV

Martim Lutero sobre o ser humano²³⁷

1.0. Introdução

"Devemos temer e amar a Deus e confiar nele acima de todas as coisas." Nesta célebre explicação do primeiro mandamento, Lutero condensou o que foi o âmago de suas preocupações e a razão última de suas lutas, a saber, a divindade de Deus. Tomou-se reformador por diagnosticar escandalosa usurpação da autoridade divina na Igreja e na sociedade de seu tempo. Foi contra ela que se rebelou. *A teologia de Lutero reconhecidamente possui caráter "teocêntrico"*.²³⁶ Pretende restabelecer a primazia que compete a Deus e sua palavra em todas as esferas da vida humana. Com boas razões, pois, pode-se dizer que a causa da Reforma foi "o reino de Deus e sua justiça".

Mas, quando o assunto é Deus, também o ser humano está em pauta. Constata acertadamente Rudolf Bultrmann que toda tese sobre Deus implica uma afirmação sobre o ser humano e vice-versa.²³⁹ Isto vale particularmente para o Deus da Bíblia, que não é um "deus em si", e sim o "Deus por nós", o "Deus conosco", o Deus em busca de sua criatura. Usando termos de Paul Tillich, poderíamos dizer que é o Deus "que nos toca incondicionalmente". *São inseparáveis a causa de Deus e a causa do ser humano*. Eis por que a Reforma provocou acirrada controvérsia também e justamente em tomo do ser humano, suas qualidades, potencialidades, seus compromissos. Afloraram aí conflitos muito sérios, tanto com a teologia escolástica

237 As citações de Martinho Lutero - *Obras Seleccionadas*, editadas pela Comissão Interiuterana de Literatura, v. I a 5, São Leopoldo: Sinodal/Porto Alegre: Concórdia, 1987-1995, são indicadas por OS, volume e página. As demais citações, normalmente traduzidas pelo autor deste ensaio, seguem a edição de Weimar (= WA) com o mesmo sistema de indicação.

238 Lennart PINOMAA, *Sieg dès Glaubens: Grundriinien der Theologie Luthers*, Göttingen, 1964, p. 33-34; Paul ALTHAUS, *Die Theologie Martin Luthers*, Gutersloh: G. Mohn, 1962, p. 117; Martin DREHER, *Temer e amar a Deus e confiar nele acima de todas as coisas*, in: - (Org.), *Reflexões em torno de Lutero*, São Leopoldo: Sinodal, 1984, v. II, p. 147-157; e outros.

239 Rudolf BULTMANN, *Teologia dei Nuevo Testamento*, Salamanca: Sígueme, 1981, p. 184.

quanto com o humanismo da época, bem como com a ala esquerda da Reforma, a corrente entusiasta.

A polemica entre Lutero e Erasmo acerca da vontade livre ou cativa do ser humano esclarece magistralmente o quanto a antropologia de Lutero foi considerada escandalosa. Lutero elogia seu adversário por ter detectado o ponto nevrálgico das divergências.²⁴⁰ E aqui que se decide a verdade do Evangelho: que pode o ser humano perante Deus? Erasmo se recusa a responder a questão em termos quantitativos. Seria indiferente o quanto se atribui à capacidade do livre-arbítrio, desde que não se negasse a mesma de todo. Mas Lutero é categórico, pois quem desconhece a força e o limite do livre-arbítrio humano também não poderá aquilatar a obra de Deus nas pessoas.²⁴¹ Já no Debate de Heideberg, em 1518, Lutero defendia posição semelhante. Na tese 13 dizia: "Após a queda, o livre-arbítrio é um mero título; enquanto faz o que está em si, peca mortalmente." E a tese 14 especifica: "Após a queda, o livre-arbítrio tem uma potência apenas sub-jetiva para o bem; para o mal, porém, sua potência é sempre ativa."²⁴² Isto significa, em síntese, que o livre-arbítrio não passa de ilusão. Voltaremos ao assunto. Por ora, lembramos apenas que essa tese antropológica é uma das sentenças condenadas pela bula papal de 1520.²⁴³ Da mesma forma, é significativo que o artigo II da Confissão de Augsburg, relativo à corrupção do ser humano, merecesse fortes críticas por parte dos oponentes da Reforma, ao ponto de Melancthon se ver obrigado a uma longa reação na Apologia da Confissão. *As disputas da Reforma, pois, travaram-se em boa medida em tomo de questões antropológicas fundamentais, posto que embutidas na causa teológica.*

Mesmo assim, são poucos os escritos de Lutero com conteúdo especificamente centrado no assunto. Destacam-se três grandes obras: o escrito *Da Liberdade Cristã* de 1520, a já citada resposta a Erasmo, escrita em 1525, sob o título *Da Vontade Cativa*, e o *Debate acerca do Homem*, de 1536. Poderíamos mencionar ainda passagens *da Refutação do Parecer de Látomo*, de 1521, por exemplo.²⁴⁴ E, no entanto, não são essas as únicas fontes a consultar, pois a concepção antropológica de Lutero transparece em praticamente todas as suas obras. Está forçosamente embutida em abor-

240 OS 4,215.

241 Ibid., p. 29.

242 OS 1,38.

243 Cf. Friedrich GOGARTEN, *Luthers Theologie*, Tübingen: J. C. B. Mohr, 1967, p. 128. A essas condenações, Lutero reagiu em seu escrito *Grund und Ursach aller Artikel D. M. Luthers, só durch römische Bulle unrechtlich verdammt sind*, de 1521 (= WA 7, 309-457) de que, para o nosso assunto, é especialmente interessante a tese 31.

244 OS 2,435-461; 4,11-216; 3,192-200; 3,96-191, respectivamente. Outros textos a considerar, em Bengt HÄGGLUND, *Luthers Anthropologie*, in: Helmar JUNGHANS (Ed.), *Leben und Werk Martin Luthers von 1526-1546*, Berlin: Evang. Verlagsanstalt, 1985, v. I, p. 63-64.

dagens relacionadas ao pecado, à penitência, à justificação e outros tópicos, razão pela qual é impossível restringir a atenção às obras programáticas somente.

Serão relevantes esses conflitos e os posicionamentos ainda hoje? Ora, a herança confessional, ainda que modificada na caminhada histórica, continua viva nas denominações da atualidade. Resulta daí o imperativo ao retrospecto avaliativo. A antropologia deve ser responsabilizada, tanto a de ontem como a de hoje. Onde está e qual é a verdade sobre o ser humano? Essa pergunta remete à busca de critérios, e para isso o exame da tradição representa recurso imprescindível. Portanto, qual é a visão antropológica "luterana"? Como se configura em seu contexto histórico-religioso e qual sua importância quase 500 anos depois? Dada a abrangência do assunto, deveremos limitar-nos à sistematização de apenas alguns aspectos que acreditamos sejam os de maior impacto.

2.0. O ser humano - um "indivíduo"

Lutero, a princípio, comunga na convicção de o ser humano ser composto de partes distintas. Defende a subdivisão "tricotômica" em corpo, alma e espírito, assim como o faziam, entre outros, Orígenes e Jerônimo. Ela parecia ter em I Ts 5.23 inabalável esteio. A concepção é proveniente do helenismo²⁴⁵ posterior à filosofia grega clássica. Esta tendia a distinguir apenas duas partes no ser humano, chamadas normalmente corpo e alma, embora o fizesse com muitas variantes. A maioria dos teólogos medievais seguiu esse modelo "dicotômico", mas a diferença é pouca. *Seja "tricotomia" ou "dicotomia", em ambos os casos o ser humano é visto como constituído de camadas que se distinguem não só pela função, e, sim, também pelo valor:* haveria uma parte superior e outra inferior no ser humano, uma mais próxima de Deus, outra mais ligada às coisas terrenas. Não raro o corpo passou a ser visto como a prisão da alma espiritual, da qual esta deveria libertar-se. De uma forma ou de outra atribuíam-se ao ser humano estrutura nitidamente "hierárquica".

Em suas pesquisas, porém, Lutero percebe que essa concepção não fechava com os textos bíblicos. Quando o apóstolo Paulo fala em "carne", refere-se, porventura, apenas ao corpo? Como pode falar de si próprio como

245 Conforme Aibrecht PETERS, *Der Mensch: Handbuch systematischer Theologie*, 2. ed., Gutersloh: Gerd Mohn, 1994, v. 8, p. 33, trata-se de uma concepção típica do helenismo vulgar. Cf. F. HARTMANN, Art. "Leib und Seele", II, Philosophisch, in: *Die Religion in Geschichte und Gegenwart*, 3. ed., Tübingen: J. C. B. Mohr, 1960, v. IV, col. 290. Veja ainda Philip HEFNER, Locus 4: A criação, in: Cari E. BRAATEN, Robert W. JENSON (Eds.), *Dogmática cristã*. São Leopoldo: Sinodal, 1990, v. I, p. 334s.

de alguém integralmente carnal, a exemplo do que faz em Rm 7.14? Essas e outras observações fazem Lutero abandonar o esquema tradicional que fragmentava o ser humano em porções diferentes. Naturalmente a distinção entre corpo, alma e espírito faz bom sentido. Os termos descrevem dimensões do ser humano, aspectos de seu ser, potências. E, no entanto, não permitem ser separadas como se fossem ingredientes que somente somados formariam o bolo. *O ser humano é um ser "indivisível"*. Já em 1519, Lutero diz: "Eu, por minha audácia, de nenhum modo separo carne, alma e espírito. Pois a carne não desenvolve concupiscência (= desejo) a não ser pela alma e o espírito, através do qual vive. Antes, entendo o espírito e a carne, e principalmente a própria alma, como sendo o ser humano todo."²⁴⁶

É com boas razões, pois, que se descobre na visão integral do ser humano uma característica da antropologia de Lutero.²⁴⁷ Em todos os atos, participa a pessoa em seu todo. Na origem de tal visão está o testemunho bíblico, particularmente o de Paulo. Lutero faz valer a perspectiva da Escritura contra as tradições filosóficas gregas, amplamente assimiladas pela teologia escolástica. Reside nessas fontes distintas a principal causa das dissensões. *Para Lutero, o ser humano é totalmente carnal*. Espírito, razão, coração, sensualidade, enfim todas as faculdades humanas são expressões do mesmo ser que é criatura de Deus, carnal, humano. Por isto, também as suas realizações, inclusive as mais nobres, de ordem moral ou religiosa, não elevam o ser humano acima do nível do carnal. Tudo é carnal, fora da esfera da fé.

Esta última observação mostra inequivocamente que Lutero, respaldando-se na Bíblia, pensa em outras categorias antropológicas. Nos rastros do apóstolo Paulo, insere a vida humana no conflito entre carne e espírito. Ela desenrola-se como num campo magnético entre duas forças antagônicas. O ser humano participa dessa batalha, e mais: ela se trava nele mesmo. É por isso que Lutero pode falar em duas naturezas do ser humano. Citamos palavras suas do tratado sobre *Liberdade Cristã*: "(...) a pessoa é constituída de natureza dupla, a espiritual e a corporal. De acordo com a natureza espiritual, que denominam a alma, ela é chamada de pessoa espiritual, interior, nova. De acordo com a natureza corporal, que denominam a carne, ela é chamada pessoa carnal, exterior, velha (...)".²⁴⁸

246 WA 2, 585.

247 Aibrecht PETERS, op. cit., p. 32s; Bengt HÄGGLUND, op. cit., p. 64s; Hermann BRANDT, *O risco do Espírito: um estudo pneumatológico*. São Leopoldo: Sinodal, 1977, p. 69s; e muitos outros.

248 OS 2,437. Quanto ao assunto em seu todo, veja, além da bibliografia já indicada, Eberhard JUNGEL, *Zur Freiheit emes Christenmenschen: eme Erinnerung an Luthers Schrift*, Munchen:

Chr. Kaiser, 1978, especialmente p. 116s, e a bela dissertação, infelizmente ainda não disponível em português, de Silfredo Bernardo DALFERTH, *Die Zweireichelehre Martin Luthers im Dialog mit der Befreiungstheologie Leonardo Boffs*, Frankfurt am Main: Peter Lang, 1996, especialmente p. 127s (Europäische Hochschulschriften, Reihe 23, Theologie, Bd. 586).

Seria errôneo interpretar essa polaridade novamente como expressão de um dualismo antropológico. Lutero, ao usar os termos acima, não tem em mente "acessórios" antropológicos, e, sim, distintos modos de ser. Carne não é uma substância, mas o humano em rebelião contra Deus. Não que o humano como tal fosse ruim. É criatura. Mas ele se sublevou contra Deus. Conseqüentemente, carne tornou-se sinônimo de uma existência em pecado. Enquanto isso, espírito (ou alma) é o humano em obediência a Deus. Viver no espírito equivale a viver na fé. Portanto, somos ou pessoas velhas ou novas, pessoas carnis ou espirituais. Este "ou" ainda não é definitivo. Pois na mesma pessoa existem, lado a lado e em permanente tensão, dois seres humanos, o velho e o novo, Adão e Cristo, o homem exterior e o homem interior, a carne e o espírito. É esta a dupla natureza a que Lutero se refere.

Isso implica que Lutero pensa o ser humano a partir da escatologia,²⁴⁹ ou seja, de sua renovação em Cristo. Verdadeiramente humana é a pessoa renovada que corresponde à imagem de Deus e ao destino que Deus lhe reservou. Mas essa pessoa precisa conviver, por ora ainda, com o velho Adão que desgraçadamente resiste aos afogamentos diários e ressurge sempre de novo, também nas pessoas renascidas. Um dos exemplos mais impressionantes dessa orientação escatológica da antropologia de Lutero encontra-se na tese 35 do *Debate acerca do Homem*. Ela diz: "Por isto, o homem desta vida é mera matéria de Deus para a futura forma de sua vida." Usando a terminologia filosófica de Aristóteles que distinguia entre matéria e forma,²⁵⁰ Lutero afirma nada menos do que isto: *o que o ser humano é, isto se pode definir somente a partir do que Deus prometeu fazer dele.*

Em resumo: Lutero rompe convenções em sua época pela afirmação da integralidade do ser humano. Substitui a visão antropológica hierárquica por uma visão dialética. Importante não é como o ser humano está "construído", de que partes se compõe, mas, sim, como existe. *O pensamento de Lutero é de natureza antes "histórica" do que "ontológica"*. É por isto que se falou em "antropologia narrativa" em Lutero.²⁵¹ O que se queria dizer é que Lutero, para definir o ser humano, prefere contar a história desse ser desde a criação até a consumação, sendo que o que interessa

249 Também nisso há amplo consenso entre os especialistas. Remetemos tão-somente a Hans Martin BARTH, Martin Luther disputiert über den Menschen, *Kerygma und Dogma*, Göttingen, v. 28, n. 3, p. 154s e especialmente p. 165s, 1982.

250 Veja o comentário de Gerhard EBELING, Das Leben: Fragment und Völiendung: Luthers Auffassung vom Menschen im Verhältnis zu Scholastik und Renaissance, *Zeitschrift für Theologie und Kirche*, Tübingen: J. C. B. Mohr, v. 72, n. 3, p. 324s, 1975.

251 A expressão é de Aibrecht PETERS, op. cit., p. 29,31. Mas também Hans Martin BARTH, op. cit., p. 157-160, pronuncia-se em sentido semelhante: a antropologia de Lutero não cabe em definições terminológicas; ela deve se contada, pois trata de uma história.

mesmo são as forças determinantes nessa jornada. Que se esconde por detrás do conflito de carne e espírito? O ser humano é livre para optar a quem oferecer seus préstimos?

3.0. O ser humano - possesso e liberto

Nessa questão reside o estopim do mais feroz embate da Reforma. A teologia de Lutero, ao negar o livre-arbítrio e reduzir o ser humano a quase um brinquedo entre duas superforças, parecia privar o ser humano até mesmo dos restos de sua dignidade. São conhecidas as palavras em que ele compara a vontade humana a um cavalo que obedece às rédeas de quem o monta. "Se Deus está sentado nele, ele quer e vai como Deus quer, conforme diz o Salmo: 'Tomei-me como umjumento, e estou sempre contigo' [SI 73.22s]. Se Satanás está sentado nele, ele quer e vai como quer Satanás, e não está em seu arbítrio correr para um dos dois cavaleiros ou procurá-lo; antes, os próprios cavaleiros lutam para o obter e possuir."²⁵² *O ser humano, pois, sempre será um "possesso", quer de Deus, quer de Satanás.* Outra possibilidade não existe. É claro que a livre vontade, nessas condições, evaporou. Dissolveu-se em fantasma, mero nome, num conceito vazio.

Tal discurso soa mal em ouvidos humanistas. É golpe na auto-estima do ser humano. Fere-lhe o orgulho. De fato, *Lutero acaba com as inclinações à divinização do ser humano*, comuns na Renascença, por exemplo.²⁵³ Todo idealismo antropológico fica descartado. O discurso de Lutero não é apenas duro. É também perigoso, no que os adversários não se cansaram de insistir. Pois se o ser humano nada mais for do que o espectador da luta entre Deus e Satanás, nega-se-lhe a responsabilidade própria. O pecado, nessas condições, já não é mais culpa. É pura fatalidade. Atribui-se ao ser humano o papel de um mero figurante, condenado à passividade. Não raro a posição de Lutero foi interpretada neste sentido. Foi acusado de defender um determinismo antropológico que, aliado a um profundo pessimismo, estaria minando a energia ética das pessoas.²⁵⁴ Não se pode exigir responsabilidade de quem não possui liberdade.²⁵⁵

252 OS 4,49.

253 A Renascença, com recurso à concepção bíblica da imagem de Deus, apregoava o ser humano como se fosse um segundo deus na terra - um evidente abuso da passagem de Gn 1.26s. Cf. Gerhard EBELING, *Das Leben - Fragment und Völiendung, Zeitschrift für Theologie und Kirche*, v. 72, n. 3, Tübingen: J. C. B. Mohr, 1975, p. 320s. Aliás, já no capítulo 13 do livro de Apocalipse podemos aprender que a divinização do ser humano paradoxalmente o transforma em fera.

254 Apud Friedrich GOGARTEN, op. cit., p. 130. A antropologia de Lutero também enfrentou outros mal-entendidos. Veja os exemplos discutidos por Eberhard JUNGEL, *Zur Freiheit eines Christenmenschen*, München: Chr. Kaiser, 1978, p. 59s.

255 Antes de ser culpada, a pessoa precisa de liberdade para agir. Em cima desse princípio, aliás lógico e naturalmente endossado pelo próprio Erasmo, a escolástica construiu sua doutrina

Naturalmente, também Lutero o sabia. É por isso que importa auscultar com atenção o seu propósito. Ele não permite ser qualificado como determinista. Seguindo-lhe os pensamentos, tentaremos expor as razões:

3.1. Lutero, ao falar nos termos acima reproduzidos, tem em vista o ser humano *perante Deus*, não o ser humano em suas relações sociais. É este o primeiro aspecto a enfatizar.²⁵⁶ Trata-se de descrever a situação do ser humano frente à origem de seu ser e à última instância de sua responsabilidade, ou seja, frente ao Deus criador e juiz. E Lutero constata: não há "autonomia" humana sob essa perspectiva. Claro, *em termos deste mundo*, as pessoas possuem certa liberdade. Têm opções, ainda que em número limitado."(...) no espaço de atividade da justiça civil, no horizonte das obras, o ser humano pode exercer o poder da vontade."²⁵⁷ "Em relação a Deus, porém, ou nas coisas que concernem à salvação ou condenação, ele (se. o ser humano) não tem livre-arbítrio, mas é cativo (...)" Livre-arbítrio, entendido como poder de escolha irrestrita, é prerrogativa exclusiva de Deus. Atribuí-lo ao ser humano equivaleria ao pecado da idolatria. Afirma Lutero:
"(...) o livre-arbítrio não convém a ninguém, senão unicamente a Deus".²⁵⁸

3.2. Cabe respeitar, porém, que Lutero, ao negar o livre-arbítrio, *não negou o arbítrio como tal*. A vontade faz parte da natureza humana. É dom precioso. Interpretando Lutero, poderíamos dizer: Deus não acorrentou o ser humano a si nem o "programou" de tal maneira que não tivesse a

dos diversos graus de pecado. Veja William E. HULME, *Dinâmica da Santificação*, São Leopoldo: Sinodal/Porto Alegre: Concórdia, 1976, p. 19s. No que diz respeito à diferença entre Erasmo e Lutero, chamamos a atenção, à parte da bibliografia já indicada, ao belo estudo de Breno SCHUMANN, Erasmo e Lutero: a vontade é livre?, *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 63, 1969, p. 1089-1096. Também Erasmo tinha por objetivo reformas. Cf. Clodovis BOFF, Erasmo: atualidade do não-conformismo, *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 63, 1969, p. 1060-1082. Mas o ataque ao livre-arbítrio por parte de Lutero o distanciou do movimento reformador. Os adversários de Lutero procuraram cooptar Erasmo mediante tentadoras ofertas, a que este, porém, resistiu. Seu ataque a Lutero obedeceu às suas convicções. Veja Peter MEINHOLD, *Luther heute*, Berlin/Hamburg: Luth. Verlagshaus, 1967, p. 100s.

256 Ragnar BRING, Luther und der Humanismus: beleuchtet durch den Streit zwischen Luther und Erasmus, in: H. FOERSTER (Ed.), *Humanität heute*, Berlin/Hamburg, 1970, p. 54s; Gerhard EBELING, *O pensamento de Lutero: uma introdução*. São Leopoldo: Sinodal, 1986, p. 166, 174.

257 Gerhard EBELING, op. cit., p. 174. O ser humano tem liberdade de decisão no que lhe está subordinado ou no que é "inferior" a ele, não no que está "acima" dele, ou no que diz respeito a Deus. Cf. OS 4,51. Também o diz, em termos muito claros, o artigo XVIII da Confissão de Augsburg, in: LIVRO DE CONCÓRDIA, op. cit., p. 36.

258 OS 4,74. "Segue-se então que o livre-arbítrio é um nome inteiramente divino, que não pode competir a ninguém exceto tão-somente à majestade divina (...) Se é atribuído aos homens, isso não seria mais do que se lhes fosse atribuída a própria divindade, e não pode haver sacrilégio maior do que esse." OS Ibid, p. 50. Cf. Aibérico BAESKE, Releitura de Lutero em contextos de Terceiro Mundo, *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 30, n. especial, p. 23s, 1990.

possibilidade de cair da graça e enredar-se no pecado. E como na parábola do filho pródigo (Lc 15.11 -32), onde o pai não faz nenhuma tentativa para impedir a partida do filho. Lutero não nega o arbítrio. Entende, porém, que *sua liberdade só poderia consistir em querer o que Deus quer*,²⁵⁹ em querer seja feita a sua vontade no céu e na terra (Mt 6.10), em cogitar das coisas de Deus e não das dos homens (Mc 8.33). Em outros termos, *a vontade realmente livre vai assumir a causa do Reino de Deus*. O abraçar dessa causa, pois, não vai ser de modo algum imposição. Será um ato de livre decisão. Será um dizer "sim" à vontade de Deus por vontade própria. Mas é isto que o arbítrio humano não faz. Ele não se identifica com a causa de Deus. Muito pelo contrário, produziu a desgraça da humanidade e a si próprio se aniquilou.

3.3. Isso aconteceu pela perversão da *"livre vontade" em "vontade própria"*. Ouçamos o próprio Lutero a esse respeito: "Sim, claro, ele (= Deus) te deu uma vontade livre. Por que, então, queres transformá-la em vontade própria e não permites que permaneça livre? Pois se com ela fizeres o que tu queres, ela não é livre, e, sim, a tua própria. Deus, porém, a ninguém deu uma vontade própria. Porque a vontade própria provém do diabo e de Adão (...) já uma vontade livre não ambiciona nada de próprio, antes se orienta na vontade de Deus, permanecendo livre exatamente assim, de ninguém dependendo e a ninguém estando aferrada."²⁶⁰ Em outros termos, as pessoas pretendem fazer valer a sua vontade contra a de Deus. Na análise de Lutero, "(...) o ser humano, por natureza, não pode querer que Deus seja Deus, e sim que ele próprio seja Deus (...)".²⁶¹ Ele quer usurpar o lugar de Deus. É um ser doentamente voltado a si próprio.²⁶² *O arbítrio humano está viciado*. O mal, uma vez abraçado, não larga mais, assume o domínio. É isto o que Lutero constata. O ser humano engana-se ao supor que possa assumir uma posição de neutralidade frente a Deus. Está atrelado a seu egoísmo e já não mais pode libertar-se por suas próprias forças. É refém do pecado, é um cavalo montado por Satanás, ou seja, por seus próprios interesses, caprichos e paixões.

3.4. O cativo, pois, é fatalidade. Determina a existência humana

259 OS 4,49. "Pois não existe para nós homens uma liberdade maior do que querer e fazer com prazer aquilo que Deus quer". Hermann BRANDT, op. cit., p. 73.

260 WA 2,104.

261 OS 1,16.

262 Ele é um *incurvatus in se* (dobrado sobre si mesmo). Paul ALTHAUS, op. cit., p. 132s, Lennart PINOMAA, op. cit., p. 91. Por isto, o "perdão de Deus liberta-nos da fixação em nós mesmos". Joachim FISCHER, Culpa, perdão e penitência em Lutero, in: Martin N. DREHER (Org.), *Reflexões em tomo de Lutero*, São Leopoldo: Sinodal, 1988, v. III, p. 39-Em termos modernos, diríamos que o ser humano é um prisioneiro de seus interesses particularistas.

de geração em geração. O pecado é um poder de cujas garras o humano é fraco demais para se desprender. Mesmo assim, embora seja vítima do pecado que imprimiu sua marca na história, o ser humano não deixa de ser culpado, *pois ele quer seu cativoiro*. Ao constituir-se em rival de Deus, ao negar-lhe a divindade e ao subtrair o que lhe é devido,²⁶³ se rende voluntariamente a seu destino. O mal é uma conjugação de fatalidade e culpa - a psicologia diria de condicionamentos externos e de responsabilidade própria. Lutero jamais negou que o pecado fosse culpa, apesar de a vontade ser cativa. Opôs-se, isto sim, à ilusão de o ser humano ser capaz de contribuir, mesmo com modesta parcela, para a sua salvação.

3.5. Assim sendo, a salvação é imaginável apenas como iniciativa "de fora", isto é, como obra do próprio Deus. Naturalmente, também a teologia escolástica dizia isto. Mas, no entender de Lutero, ela não o dizia de forma suficientemente radical. Se o livre-arbítrio, mesmo em diminutas porções, sobreviveu à catástrofe da queda - e é isto que a opinião corrente afirmava - então a salvação só pode ser o resultado da conjugação de graça divina e esforço humano. Então a graça vem apenas suprir o que o esforço humano não consegue realizar, e tem início a concorrência em busca de méritos. Isto, para Lutero, equipara-se a uma blasfêmia. Deus não se compra. Ele dá de graça, ou não dá. *O "livre-arbítrio", no sentido de "vontade própria", nega o "sola gratia"*.

3.6. A partir daí, entende-se a paixão com que Lutero insiste na vontade cativa. O que está em jogo é a verdade sobre o ser humano, sem dúvida. Mas, junto com ela, a do próprio evangelho nos termos da justificação por graça e fé. Este artigo é o parâmetro também da antropologia. Toma-se compreensível, assim, até mesmo a qualificação do ser humano como espectador da luta entre Deus e Satanás. De imediato, os pensamentos são dirigidos à cruz, onde essa luta achou sua mais dramática concretização. Todo o mundo nada mais é do que espectador, assistente (e mesmo promotor) do sofrimento desse crucificado, de sua luta com o pecado, o absurdo, a morte, e de sua vitória sobre estes poderes, conseguida "por nós".²⁶⁴ A graça de Deus, revelada em Cristo e a ser acolhida pela fé,

263 Em Lutero, pecado é essencialmente roubo em relação a Deus, ou seja, é a negação da fé devida, eroubo em relação ao próximo, isto é, a negação do amor devido. Cf. Paul ALTHAUS, op. cit., p. 131s, 135s. Tal compreensão faz jus à terminologia do Pai-Nosso, de acordo com a qual pecado é dívida.

264 A história dessa luta travada por nós foi muito bem contada por Lutero em seu hino "Cristãos, alegres, jubilai". É uma ilustração clássica do evento da justificação. Cf. Harm ALPERS, A justificação em narrativa, in: Martin N. DREHER (Org.), *Peregrinação: estudos em homenagem a Joachim Fischer*, São Leopoldo: Sinodal, p. 7-21; e Joachim FISCHER, Culpa, perdão e penitência em Lutero, in: Martin N. DREHER (Org.), *Reflexões em tomo de Lutero*, São Leopoldo: Sinodal, 1988, v. III, p. 47s.

devolve ao ser humano a filiação divina, reconstituindo uma relação cortada porém vital para o ser humano, *pois é somente nessa relação com Deus que o ser humano encontra sua verdadeira identidade*. Ele é, por excelência, um ser "responsório", criado para corresponder à vocação com que Deus o distinguiu e ao amor que lhe devotou.²⁶⁵

3.7. É nessa relação que o ser humano recupera também a sua liberdade. Não é a liberdade de um tirano que se arroga o direito de estabelecer e derrubar as regras de jogo a seu bel-prazer. *E a liberdade do filho e da filha*. Lutero percebeu haver uma diferença fundamental entre o "livre-arbítrio" e a "liberdade cristã". Novamente o apóstolo Paulo foi seu mestre. Livre é quem se dispõe a servir à justiça (Rm 6.15-23), quem vive constrangido pelo amor de Cristo (2 Co 5.14), quem tem Deus por Senhor. A pessoa absolutamente independente não existe. Existem somente pessoas comprometidas. A pergunta-chave é: com quem e com quê? A resposta vai mostrar a diferença entre a pessoa possessa e a liberta. Lutero insiste em dizer que liberdade neste mundo tem a fé em Deus por premissa. Quem tem Deus por Senhor não pode ser súdito de outro. Pode, isto sim, amar como ele próprio foi amado e, conseqüentemente, servir a seu próximo -por livre e espontânea vontade.

Com base no exposto, *recomenda-se distinguir entre uma liberdade passiva e outra ativa*. A primeira, a passiva, é a liberdade do ser humano *em relação a Deus*. É a liberdade para ser amado, para receber,²⁶⁶ para acolher o dom de Deus. É a liberdade do filho. O exercício desta liberdade exige muita ação. Implica a aprendizagem da fé, do amor e da esperança, ou seja, do seguimento a Cristo. A graça de Deus não extingue a pessoalidade do ser humano. *Não o trata como peça inanimada*. Não força a fé.²⁶⁷ Se o fizesse, dever-se-ia falar de fato em "determinismo". Inversamente, deve-se excluir também o "sinergismo", como se a salvação dependesse *em parte* da graça divina, *em parte* do esforço humano.²⁶⁸ No enten-

265 Aibrecht PETERS, op. cit., p. 54.

266 Lutero falou na "aptidão passiva" ou "qualidade dispositiva" de "ser arrebatado pelo Espírito e imbuído da graça de Deus". É uma força da pessoa, conforme entende OS 4,50. A passagem é citada também por P. Althaus, op. cit., p. 141.

267 O Concílio de Trento decretou: "Quem afirmar que o livre-arbítrio do homem, movido e despertado por Deus, em nada pode contribuir para que, mediante concordância com o Deus que desperta e chama, possa dispor e preparar-se para o recebimento da graça da justificação; e que também não poderia resistir, se quisesse, antes se portaria como coisa inanimada e permaneceria totalmente passivo: seja excluído". Cit. ap. Kari LEHMANN, Wolfhart PANNENBERG (Eds.), *Lehrverurteilungen - kirchentrennend?*, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht/Freiburg: Herder, 1986, v. 1, p. 38s (a tradução é nossa). É evidente que este cânon se dirige contra o que se supõe ser doutrina luterana. Mas é evidente também que a condenação não atinge o cerne da posição de Lutero.

268 Veja as excelentes formulações a esse respeito em Horst Georg PÖHLMANN, *Abriss der Dogmatik*, Gutersloh: Gerd Mohn, 1973, p. 202s.

der de Lutero, ela acontece *somente por graça*, mas *não sem a pessoa*. Deus não exerce "violência salvífica". Assume o risco da rejeição, mas respeita o ser humano como sujeito. É livre para renunciar à sua própria liberdade - por amor à criatura. Assim fica em pé o "sola grada", sem reverter em brutal imposição.

Salvação, pois, exige trabalho (cf. Fp 2.12), sem que este possa adquirir caráter meritório. Jamais o ser humano está em condições de "conquistar" algo junto a Deus. Ele nada pode ofertar que antes não tivesse recebido (cf. 1 Co 4.7). Liberdade passiva consiste em reação, resposta, melhor em gratidão e em suas respectivas expressões. Uma dessas expressões, porém, será exatamente a liberdade ativa. Esta tem seu campo de ação nas relações sociais. É liberdade *frente ao mundo*, a se manifestar como "liberdade de" e "liberdade para".¹⁶⁹ Une a autonomia com o serviço, a independência com a sujeição, o direito com o dever. Vai manifestar-se como atividade "política", isto é, transformadora, reconciliadora, terapêutica na sociedade, cumprindo o imperativo ético.

Ambas essas liberdades têm sua raiz no que se chamou de *natureza "excêntrica"* do ser humano em Lutero: a pessoa adquire sua identidade na medida em que localizar seu "centro" e seu referencial de vida fora de si própria. Diz Lutero, no final de seu tratado *Da Liberdade Cristã*: "Concluimos, portanto, que a pessoa cristã não vive em si mesma, mas em Cristo e em seu próximo, ou então não é cristã. Vive em Cristo pela fé, no próximo, pelo amor."²⁷⁰ É evidente que esta característica, apontada por Lutero como sendo especificamente cristã, é o que constitui o autenticamente humano. A existência humana acha sua realização não no narcisismo, fixado em si mesmo. Vai achar sua destinação, sua fonte de vida, sua liberdade somente quando se desprende do próprio eu e se encontra em Cristo e na pessoa necessitada a seu lado.

269 Trata-se de uma distinção essencial, nem sempre suficientemente respeitada, como observa, por exemplo, José COMBLIN, *Cristãos rumo ao século XXI: nova caminhada da libertação*, São Paulo: Paulus, 1996, p. 87, 113s.

270 OS 2,456. A passagem é citada também por Leonardo BOFF, A significação de Lutero para a libertação dos oprimidos, in: *E a Igreja se fez povo*, 2. ed., Petrópolis, 1986, p. 173 (Publicações CID, Teologia, 23). A citação em Boff (cf. também do mesmo autor *A ressurreição de Cristo: a nossa ressurreição na morte*, 2. ed., Petrópolis: Vozes, 1973, p. 83 [Publicações CID, Teologia, 3]) mostra que a tese da "excentricidade" do ser humano é compartilhada não só na teologia protestante. É claro que por ela recebe particular destaque. Cf. Hennann BRANDT, op. cit., p. 68s; Wilfried GROLL, Visão luterana da teologia da libertação, in: Martin N. DREHER (Org.), *Reflexões em tomo de Lutero*, São Leopoldo:

Sinodal, 1988, v. III, p. 68. Mas também a antropologia filosófica pode acolhê-la: o ser humano é um ser aberto para o outro e para o mundo. Cf. Eberhard JUNGEL, O homem que corresponde a Deus, in: H. G. GADAMER, P. VOGLER (Eds.), *Nova Antropologia*, São Paulo: EPU/EDUSC, 1977, v. 6, p. 238.

4.0. O ser humano - carnal e espiritual

"Portanto, estas duas proposições constituem as principais de toda a Escritura: primeiro, que toda a natureza humana está condenada pelo pecado e perdida, e que nem mesmo pode erguer-se desta calamidade e morte por suas próprias forças e intentos. Segundo, que Deus somente é justo."²⁷¹ Esta é uma das declarações antropológicas mais contundentes de Lutero, feita em 1532. Mas é coerente com a afirmação da natureza carnal do ser humano e da corrupção de sua vontade. Surpreendentemente, é essa radicalidade que recupera a dignidade do ser humano e o "coroa de graça e misericórdia" (SI 103.3).

4.1. Se o ser humano, à parte da fé, é integralmente carnal, com inclusão de seu espírito, o corpo já não mais pode ser o exclusivo culpado do pecado. Não se pode incriminá-lo de segurar a pessoa nas esferas inferiores do pecado e de impedir a ascensão a Deus. *O pecado é "ato coletivo" de todas as faculdades humanas, com destaque à vontade, ao coração, espírito.* Resulta daí, em Lutero, enorme *valorização da dimensão corporal do ser humano*, com fortes reflexos também na sexualidade, resgatada da suspeita com que era encarada. A corporalidade humana, e junto com ela o cotidiano, o pão de cada dia, as necessidades biológicas recebem nova atenção, e disso a explicação do primeiro artigo nos Catecismos Menor e Maior de Lutero é bonito exemplo.²⁷²

4.2. Justamente o ser humano imerso em miséria e angústia é alvo do amor de Deus. A teologia luterana é essencialmente doxologia. Exalta as maravilhas de Deus. Mas, ao fazer isso, enaltece também o ser humano. Não permite, é verdade, a mentira antropológica (cf. 1 Jo 1.6-8) que esconde a fraqueza, a indignidade, a finitude. E, no entanto, apregoa o Deus que, em Jesus Cristo, rebaixou-se, derrubando do trono os poderosos e exaltando os humildes (Lc 1.52). Deus cria a partir do nada, justifica o ímpio, ressuscita os mortos (Rm 4.5,17). Lutero fala da "alegre troca" que aconteceu em Jesus Cristo: ele um servo, eu um senhor. O justo se toma pecador para transferir aos pecadores a sua justiça.²⁷³ *Sem Deus o ser humano se reduz a nada. Mas com Deus e por ele está revestido da mais alta glória. Deus se humilha para exaltar o ser humano.*^{27*} Consequentemente, la-

271 WA 40, II 368,14-17.

272 LIVRO DE CONCÓRDIA, op. cit., p. 370, 448.

273 Apud Hans Joachim IWAND, *A justiça da fé: exposição conforme a doutrina de Lutero*, São Leopoldo: Sinodal, 1977; Walter ALTMANN, *Lutero e Libertação*, São Leopoldo: Sinodal/ São Paulo: Ática, 1994, p. 65 e, especialmente, Eberhard JÜNGEL, *Zur Freiheit emes Christenmenschen*, Munchen: Chr. Kaiser, 1978, p. 83s.

274 Juan LUÍS SEGUNDO, *A concepção cristã do homem*, Petrópolis: Vozes, 1970, constata com alguma razão que "paradoxalmente a religião cristã parece desabsolutizar a Deus para absolutizar o homem." (p. 27). É claro que o termo "absolutizar" não pode significar a troca

bora em erro quem julga necessário diminuir Deus a fim de alcançar a plena humanidade.²⁷⁵ Quem, senão Deus, restitui ao ser humano a dignidade da imagem de Deus? O evangelho convida a abraçar essa dignidade e a traduzi-la em "novidade de vida".

O anseio por uma nova pessoa, menos defeituosa, diferente daquela que está aí, perpassa a história da humanidade. O ser humano tem consciência de sua imperfeição e sonha com a evasão de seus cárceres. Os caminhos sugeridos para alcançar o objetivo são os mais diversos. Abrangem a conversão, a educação, a abolição da propriedade particular dos meios de produção, a revolução social, enfim a manipulação genética.²⁷⁶ O objetivo é sempre o mesmo: melhorar o ser humano e curar-lhe os males, seja em termos morais, sociais e até físicos. É significativo que a engenharia genética se justifique exatamente com este argumento, a saber, de fazer o ser humano imune à doença, ao envelhecimento, ao crime, ou seja, de renovar-lhe o corpo, a alma e o espírito. Ora, *a renovação do ser humano e do mundo é por excelência a mensagem do Evangelho*. É a promessa de Deus que articula-se nas palavras: "Bis que faço novas todas as coisas" (Ap 21.5). E: "(...) se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas" (2 Co 5.17).

Mas como identificar essa nova criatura? Qual seu distintivo? Lutero viu-se colocado, no tocante a essa questão, em mais outra frente de combate. Foi acusado de ter sido radical na descrição do ser humano como pecador, mas de ter ficado a meio caminho na descrição do ser humano espiritual. Seria necessário traçar uma linha divisória mais clara entre as pessoas que têm o Espírito e as que não o têm. Novidade de vida deveria documentar-se em sinais visíveis de comportamento, transformação, inspiração. Quem assim insistia eram os assim chamados *entusiastas*, espiritualistas, um movimento de contornos pouco precisos na época da Reforma.²⁷⁷ Dele são considerados representativos Tomás Muntzer e André Karistadt, por exemplo, além dos anabatistas, ou os "profetas celestiais", contra os quais Lutero

de Deus pelo ser humano. Mas certo é que o amor de Deus ao mundo implica incomparável valorização da criatura. Cf. também Eberhard JÚNGEL, O homem que corresponde a Deus, in: H. G. GADAMER, P. VOGLER (Eds.), *Nova Antropologia*, São Paulo: EPU/EDUSC, 1977, v. 6, p. 249s.

275 Não raro a morte de Deus tem sido considerada a premissa da verdadeira humanização do ser humano. Veja nosso estudo Gottfried BRAKEMEIER, Sobre a realidade de Deus: uma discussão com o ateísmo, in: -, *Testemunho da fé em tempos difíceis*. São Leopoldo: Sinodal, 1990, p. 7-24. A ideia de uma rivalidade entre Deus e o ser humano que exigisse a aniquilação de um ou de outro está em profundo conflito com o testemunho bíblico.

276 Cf. Jiirgen MOLTSMANN, *El hombre*, Salamanca: Sigueme, 1973, p. 71s.

277 Até mesmo a designação "entusiastas" ou "entusiasmo" é imprecisa, muito mais o é a delimitação do movimento. Veja as instrutivas explicações de Joachim FISCHER, O homem - um entusiasta?: a atualidade do tema Lutero e os entusiastas, in: Martin N. DREHER (Org.), *Reflexões em torno de Lutero*, São Leopoldo: Sinodal, 1981, v. I, p. 53s.

dirigiu expressamente um de seus escritos. Apesar da heterogeneidade do movimento há uma série de características comuns.

O primeiro e o mais importante elemento talvez seja a insistência na visibilidade da nova vida. O Espírito não poderia ficar oculto nos porões do coração. Deveria manifestar-se. E quem não sentiria o Espírito dentro de si deveria fazer penitência, preparar-se, crer. O Espírito, então, se lhe daria. Lutero acusou os entusiastas, dizendo: "Eles querem ensinar-te como deves ir ao Espírito e não como o Espírito vem a ti (...)".²⁷⁸ Conseqüentemente, desprezam os meios externos da graça, isto é, a palavra e o sacramento, pois o Espírito é dado diretamente de cima, no coração das pessoas, desde que se preparem. E quando o Espírito tomou posse, naturalmente teria que exteriorizar-se em sinais inconfundíveis de novidade.

Os problemas de tal posição já foram apontados inúmeras vezes.²⁷⁹ As pessoas ficam sujeitas a forte pressão. Devem provar que estão salvas. Quem mostra não estar sofre condenação. Já sempre os pretensos justos condenaram os pecadores. Os entusiastas têm consciência elitista, razão pela qual revelam inclinação ao uso da violência. Possuem fortes afinidades com o fundamentalismo e seus inconvenientes. Este juízo é válido mesmo que a demonstração do Espírito seja exigida não em forma de exibições carismáticas, e, sim, em termos de transformação social, como se observa no caso de Tomás Míntzer. É interessante que também ele, como reformador radical que queria ser, defendeu o livre-arbítrio do ser humano.²⁸⁰ A salvação, tanto a individual quanto a social, volta a depender de esforço humano, cujo resultado se mede pelo critério da eficácia, da piedade ou de outros fenômenos supostamente espirituais. *O ser humano é submetido novamente à lei da produção religiosa*, sendo que a graça encarnada em Jesus Cristo (cf. Gl 1.6s) fica reduzida a um supérfluo. Não admira que Lutero pudesse, por esta razão, equiparar o entusiasmo e o papado. Tanto neste quanto naquele viu anulada a justificação por graça e fé.²⁸¹

Seria ilusão falar em nova criatura? Se fosse, estaria sepultada toda esperança e seria nulo o anúncio de Jesus Cristo, o novo Adão. O Evangelho estaria traído. Entretanto, importa permanecer realista. Antes de mais nada - e nisto reside uma das grandes ênfases de Lutero - cumpre respei-

278 Cit. ap. Hermann BRANDT, op. cit., p. 25 (= WA 18,136s).

279 Voltamos a remeter a Joachim PISCHER, O homem - um entusiasta?: a atualidade do tema Lutero e os entusiastas, in: Martin N. DREHER (Org.), *Reflexões em torno de Lutero*, São Leopoldo: Sinodal, 1981, v. I, p. 57s. Sobre a diferença entre Lutero e Míntzer, veja do mesmo autor: Lutero e Muntzer, *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, São Leopoldo, v. 29, n. 1, p. 7-16, 1989.

280 Kari HOLL, Luther und die Schwarmer, in: -, *Gesammelte Aufsätze wr Kirchengeschichte*, 4. ed., Tiibingen: J. C. B. Mohr, 1927, v. I: *Luther*, p. 427.

281 Nos Artigos de Esmalcalda, Lutero escreve:"(...) pois também o papado é puro entusiasmo." LIVRO DE CONCÓRDIA, op. cit., p. 336.

tar que o Espírito Santo é o espírito de Cristo, não qualquer potência sobrenatural, provocadora de fenômenos sensacionais.²⁸² E esse espírito de Cristo, o crucificado, é o espírito do amor. Como já o mostra a Primeira Carta aos Coríntios, é no amor que fracassam os pretensos perfeitos. Conquistaram sua "salvação" e a consideram sua posse. Não precisam nem mais de Deus. E em razão disto que Lutero tanto insistiu na necessidade dos meios externos da graça. É por eles que o Espírito é concedido sem nenhuma possibilidade de o ser humano se apoderar dele. Novidade de vida é dom maravilhoso de Deus. Mas deve ser recebido a cada dia de novo. *Somos justos pela fé e simultaneamente continuamos pecadores.*²⁸³ Somos chamados a ser sal e luz neste mundo (Mt 5.13s). O Reino de Deus, porém, não está a nosso dispor. Virá por si, por iniciativa exclusiva de Deus.

Assim sendo, o ser humano está libertado da coação de ser o salvador de si próprio e do mundo. É chamado a confiar na bondade de Deus. Exatamente esta confiança, porém, se traduz em antecipação da novidade futura, embora deva conviver com o provisório. Vai expressar-se prioritariamente em amor e serviço aos pequenos e necessitados.²⁸⁴ Para Lutero, a pessoa espiritual ou nova é aquela fraca, imperfeita, culpada que se refugia em Cristo, recebendo dele a força para corresponder à imagem do filho. Espelha-se em tal concepção uma sobriedade que, sem dúvida alguma, é mais "humana" do que o rigorismo legalista e perfeccionista de seus adversários.

5.0. O ser humano - animal racional e crente

5.1. Quão pouco Lutero pode ser acusado de misantropia, esclarecem em definitivo suas asserções sobre a *razão humana*. Seguindo a tradi-

282 Lutero insistiu no vínculo que há entre o Espírito Santo e a palavra externa do evangelho. Cf. Robert W. JENSON, Locus 8: o Espírito Santo, in: Cari E. BRAATEN, Robert W. JENSON (Eds.), *Dogmática Cristã*, São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1995, v. 2, p. 165s;

Lennart PINOMAA, op. cit., p. 118s. Existem, pois, critérios para distinguir o Espírito Santo de outros espíritos, sendo Jesus Cristo o principal. Cf. Hermann BRANDT, op. cit., p. 79s. O que é incompatível com Jesus Cristo também o é com o Espírito Santo.

283 Ver Paul ALTHAUS, op. cit., p. 211s; Gerhard O. FORDE, Locus 11: vida cristã, in: Cari E. BRAATEN, Robert W. JENSON (Eds.), *Dogmática crista*, São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1995, v. 2, p. 412s; Hans Joachim IWAND, *Luthers Theologie: Nachgelassene Werke*, München: Kaiser, 1974, v. 5, p. 71 s.

284 Já a tese 45 do Debate para o Esclarecimento do Valor das Indulgências (= 95 Teses) dizia:

"Deve-se ensinar aos cristãos que quem vê um carente e o negligencia para gastar com indulgências obtém para si não as indulgências do papa, mas a ira de Deus" (OS 1,26). Libertação documenta-se essencialmente como serviço ao próximo. Cf., entre outros, Aibérico BAESKE, op. cit., p. 20s; Joachim FISCHER, Culpa, perdão e penitência em Lutero, in: Martin N. DREHER (Org.), *Reflexões em torno de Lutero*, São Leopoldo-Sinodal, 1988, v. III, p. 39s.

ção de Aristóteles, também ele pode falar do ser humano em termos de um ser que se distingue dos demais pela posse da razão. É surpreendente a maneira elogiosa com que a ela pode referir-se. Diz a quarta tese do *Debate acerca do Homem*: "É certamente é verdade que a razão é o que há de mais importante e mais elevado, sendo, em comparação com as outras coisas desta vida, a melhor e algo divino." Ela é "inventora e mentora de todas as artes, das ciências", "de qualquer sabedoria, poder, virtude e glória que os homens possuem nesta vida" (tese 5). Disúngue o ser humano dos outros animais (tese 6) e é o instrumento previsto pela própria Escritura para "administrar estas coisas nesta vida" (tese 7 e 8).²⁸⁵ Portanto, *a razão é algo sublime, comparável ao sol, conferindo ao ser humano singular nobreza*. Nesse tocante, há concordância de Lutero com a tradição grega e humanista.

Como ser racional, o ser humano está em perfeitas condições de organizar sua vida social, administrar as coisas desta vida, como afirma Lutero. *No âmbito secular e político deve prevalecer o ditado da razão*, ou seja, o bom senso, o conveniente ou adequado - com o que interpretamos o que Lutero gostava de chamar *aequitas*.⁶ A corrupção do ser humano não impede que ele tenha senso para a justiça civil e capacidade de implantá-la. Não é necessário ser cristão para ser um bom estadista e político. Às vezes, os não cristãos, a exemplo dos turcos na época de Lutero, superam os crentes em bom senso e habilidade organizacional. Duas implicações dessa concepção merecem destaque:

5.1.1. Conforme Lutero, a razão tem sensores para a vontade de Deus. Tem certa percepção da mesma.²⁸⁷ A suposição tem boa base bíblica. De acordo com o apóstolo Paulo, os pagãos não deixam de ter noção intuitiva da vontade de Deus, visto que "procedem por natureza de conformidade com a lei (se. de Deus)" (Rm 2.14). *Há uma sabedoria, pois, também em outras culturas e religiões*. Arte, ciência, saber, ética - tudo isto não se condiciona à fé cristã. Encontra-se em todos os povos.

5.1.2. Justamente por isto, é possível tratar do bem comum mesmo com pessoas pagãs ou ateias. *Não há nenhuma necessidade de a sociedade ser "cristã" para ser justa*. O princípio a valer para o acordo político

285 OS 3,194. No que diz respeito à função atribuída por Lutero à razão, remetemos em especial a Paul ALTHAUS, op. cit., p. 65s; Uirich DUCHROW, *Christenheit und Weltverantwortung*, Stuttgart: E. Klett, 1970, p. 495s; Sil&edo B. DALFERTH, op. cit., p. 83s.

286 Ragnar BRING, op. cit., p. 60; Uirich DUCHROW, op. cit., p. 498; e outros. A *aequitas* tem o bem comum e a paz por referencial e objetivo.

287 Lutero chega a dizer: "Pois Deus é um senhor bondoso e rico que distribui muito ouro, prata, riqueza, poder e reinos entre os ímpios (...). Da mesma forma, derrama entre eles grande inteligência, sabedoria, línguas e eloquência, a ponto de seus queridos cristãos, em comparação com eles, parecerem meras crianças, bobos e mendigos." Cit. ap. Gerhard EBELING, *O pensamento de Lutero: uma introdução*, São Leopoldo: Sinodal, 1986, p. 147 (= WA 51,242).

e a nortear a causa pública é o razoável, o apropriado, o proveitoso (cf. Fp 4.8!), cujo conhecimento de modo algum representa privilégio cristão. *Excluem-se, assim, todas as formas de "teocracia" ou de "cristandade"*, e juntamente com elas a tentação de a Igreja impor à sociedade secular seu regime e seus valores.²⁸⁸ As metas políticas a serem seguidas devem resultar de "raciocínio" comum, pragmático, empenhado em descobrir o que a sabedoria recomenda.

5.2. E, no entanto, essa é apenas uma parte da verdade sobre a razão humana. De outro lado, *porém, Lutero submete a "senhora razão" a acerbas críticas*. Estas não desabonam seu apreço. Lutero aplaude as belezas da arte e os benefícios da ciência, produtos do gênio criador do *homo faber*. Mas seu realismo faz com que constate também os limites da razão e mesmo suas debilidades:

5.2.1. *Ela é incapaz de desvendar os mistérios divinos*. Apesar de sua sensibilidade para o conveniente e a lei de Deus, nos demais assuntos de "teologia" ela é cega. Não consegue compreender Deus nem lhe detectar a misericórdia e a justiça. O acesso ao Evangelho, portanto, lhe está barrado.²⁸⁹ A explicação que Lutero deu ao terceiro artigo da fé é instrutiva para tanto. Inicia com as palavras: "Creio que por minha própria razão ou força não posso crer em Jesus Cristo, meu Senhor, nem vir a ele." Isto significa que a razão não é a chave para abrir todas as portas da realidade. Há muitas que lhe permanecem fechadas.

5.2.2. *A isto advém que a razão é corruptível*. Fazendo parte da natureza carnal do ser humano, ela não possui nenhuma imunidade contra o pecado. Muito pelo contrário, a razão se vende a ele. Endossa e apoia até os mais obscuros e maldosos interesses humanos. Ela tem preço. Foi por isto que Lutero a chamou de prostituta, indicando assim que ela não serve como instância normativa absoluta. Ela própria necessita de um norte a lhe dar rumo e firmeza. Não pode abrir mão da luz do Evangelho. Precisa da fé.

288 E este o motivo da distinção entre os dois regimentos de Deus, ou seja, dos dois reinos em Lutero. Ela sofreu, na história do luteranismo, diversas interpretações e se traduziu em vários modelos de relacionamento entre Igreja e Estado. Foi abusada, inclusive, para manter a Igreja afastada dos assuntos políticos. Cf. Walter ALTMANN, *Lutero e Libertação*, São Leopoldo: Sinodal/São Paulo: Ática, 1994, p. 159s; Martin DREHER, *Luteranismo e participação política*, in: Martin N. DREHER (Org.), *Reflexões em torno de Lutero*, São Leopoldo: Sinodal, 1984, v. II, p. 121-132. Lutero jamais afirmou um dualismo entre Igreja e Estado, fé e política. Os dois reinos, embora distintos, encontram-se estreitamente correlacionados. Veja sobre o assunto, além da bibliografia já indicada, Lambert SCHUURMAN, *A doutrina dos dois reinos em sua relevância para a situação latino-americana*. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 12, n. 2, p. 63-69, 1972; Gerhard EBELING, *O pensamento de Lutero: uma introdução*. São Leopoldo: Sinodal, 1986, p. 149s; Uirich DUCHROW, *Os dois reinos*. São Leopoldo: Sinodal, 1987; Silfredo B. DALFERTH, op. cit.

289 Reside nesta afirmação uma afronta à tradição escolástica e sua teologia natural. Cf. Gerhard EBELING, *Das Leben: Fragment und Vöifendung*, op. cit., p. 325,

5.3. É assim que Lutero modifica a concepção aristotélica do "*animal racional*". Concorde com ela, mas não sem a corrigir, pois a razão se torna apta a desempenhar sua função de mestra entre os seres humanos, em sentido pleno, unicamente quando renovada, libertada, reorientada pela palavra de Deus.²⁹⁰ Vale para ela coisa análoga como para o livre-arbítrio: é prisioneira, enquanto não conduzida pelo Espírito de Deus. *Também a razão não pode esquivar-se do imperativo da conversão e renovação.* São três as consequências daí resultantes:

5.3.1. A renovação da razão vai desprender a pessoa de si mesma e dispô-la para o que o apóstolo Paulo chamou de "*culto racional*" (Rm 12.1s). É o culto a Deus no cotidiano, na vida privada, profissional e social. É diaconia. Lutero insistiu muito nesse aspecto.²⁹¹ A libertação da razão da condição de meretriz redireciona as energias humanas. Serão investidas, com absoluta prioridade, na cura das enfermidades deste mundo e no alívio de sua dor. A pessoa cristã, livre de todos pela fé, transforma-se em serva de todos pelo amor, dizia Lutero ao falar *Da Liberdade Cristã*. É óbvio que essa "liberdade cativa" inclui a responsabilidade política da Igreja e de cada um de seus membros.²⁹²

5.3.2. Mas de que natureza é essa responsabilidade? Lutero, como visto, atribui alguma autonomia à razão. É ela que deve reinar na esfera sociopolítica sem estar submetida a comando clerical. Lutero opôs-se energicamente à confusão do poder secular e do poder espiritual, mas também não os separou como grandezas estanques. A razão humana não é nada sagrado, infalível, incorruptível. *Necessita da palavra de Deus para o bom desempenho de seu mandato.* Cabe à Igreja ser pregadora dessa palavra que orienta as mentes, consola as consciências aflitas, denuncia os tropeços da razão e as alianças escabrosas a que eventualmente venha a se prestar. A tarefa da Igreja, embora renuncie ao poder secular, não deixa de ter natureza política, tanto em sua dimensão profética quanto sacerdotal.²⁹³

290 A razão não pode evitar ou superar o pecado. Portanto, é incompetente para assumir o domínio no ser humano. Cf. as excelentes explicações de Eberhard JÜNGEL, *Zur Freiheit eines Christenmenschen*, op. cit., p. 119s.

291 A ação social por boas obras é expressão da nova obediência do cristão. Cf. Martin DREHER, Aspectos teológicos da ação social em Lutero, in: Martin N. DREHER (Org.), *Reflexões em tomo de Lutero*, São Leopoldo: Sinodal, 1988, v. III, p. 54s. Em outros termos, essa ação é culto a Deus na realidade profana. Cf. Ernst KÄSEMANN, *Gottesdienst im Alltag der Welt*, in: -, *Exegetische Versuche und Besinnungen*, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1964, v. II, p. 198-203.

292 Essa responsabilidade política, que é implicação do sacerdócio dos crentes, emana do amor, não da paixão por um ideal. O mundo deve tornar-se humano, não divino. É nessa sobriedade, igualmente distante da resignação e do entusiasmo, que se manifesta, conforme Lutero, a liberdade cristã. Veja Ragnar BRING, op. cit., 62s.

293 A Igreja tem uma tarefa profética. Cf. Walter ALTMANN, *Lutero e Libertação*, São Leopoldo: Sinodal/São Paulo: Ática, 1994, p. 174s. Cumpra-lhe confrontar a sociedade com a vontade de Deus e a verdade do evangelho, o que sempre a envolve politicamente. Há que

Não a Igreja, mas Deus requer a primazia também na esfera da razão. A fé não pode prescrever à razão os resultados de suas investigações, reflexões, ponderações. E, no entanto, vai lembrar-lhe os propósitos de Deus e as suas maravilhas, bem como a responsabilidade, a limitação e a dignidade da criatura.

5.3.3. A prioridade de Deus vai refletir-se, não por último, na própria estrutura do ser humano. *A fé é mais poderosa do que a razão.* O deus a quem o coração se prende²⁹⁴ e a quem o livre-arbítrio obedece determinará o ser humano em todas as manifestações de sua existência. A convicção de que a bondade acabará por prevalecer no ser humano é, para Lutero, pura ficção. No seu modo de ver, a força determinante do ser humano não é a razão, por mais impressionantes que sejam as potencialidades da mesma. É o deus em quem se crê. *Antes de ser um "animal racional" o ser humano é um "animal crente"*. Em termos modernos, diríamos que a ideologia, os interesses particulares ou corporativistas, o sistema de valores predominam por sobre o conhecimento objetivo. É a respectiva fé que "faz a cabeça" das pessoas, determinando-lhes o modo de pensar e de agir.

Quem é o ser humano? Lutero tem uma resposta muito simples: é um ser que em todos os sentidos necessita da libertação de seus cativeiros babilônicos, mediante a graciosa mão que Deus lhe estende mediante Jesus Cristo.

6.0. Pensamentos avaliativos

Também a teologia de Lutero traz as marcas de seu tempo. *É teologia contextual,* condicionada por fatores históricos, além da individualidade de seu autor. Nem sempre é possível acompanhar a lógica da argumentação ou até os seus resultados. Não obstante, a impressão provocada pela leitura dos textos é a de uma antropologia surpreendentemente moderna. A verdade não tem idade. Pode mudar de roupa e de linguagem ao adaptar-se a novas circunstâncias, mas sempre permanece atual. *A antropologia de*

se respeitar, porém, a diferença entre pregação profética e moral, a que chama a atenção Eberhard JÜNGEL, *Zur Freiheit emes Christenmenschen*, Munchen: Chr. Kaiser, 1978, p. 111 s. A pregação profética excede em muito a indignação com a decadência moral. Pretende a capacitação para a liberdade.

294 No Catecismo Maior, Lutero diz as afamadas palavras: "Portanto, ter um Deus outra coisa não é senão confiar e crer de coração. Repetidas vezes já disse que apenas o confiar e crer de coração faz tanto Deus como ídolo. Se é verdadeira a fé e a confiança, verdadeiro também é o teu Deus. Inversamente, onde a confiança é falsa e errônea, aí também não está o Deus verdadeiro. Fé e Deus não se podem divorciar. Aquilo, pois, a que prendes o coração e te confias, isso, digo, é propriamente o teu Deus." LIVRO DE CONCÓRDIA, op. cit., p. 394s. Quanto ao todo, Gerhard EBELING, *O pensamento de Lutero: uma introdução*. São Leopoldo-Sinodal, 1986, p. 194s.

Lutem confronta também o século XXI com gravíssimas interrogantes. Trata-se, na maioria absoluta dos casos, de verdades próprias do Evangelho de que Lutero queria ser tradutor e mensageiro. Sob esse ponto de vista, sua teologia não reivindica nenhuma originalidade. De fato, a Reforma do século XVI tomou força pelo recurso decidido à Bíblia. É este o segredo último, assim nos parece, também da antropologia de Lutero e de sua inalterada relevância.

É bem verdade que o luteranismo, surgido por ter a Igreja da época se recusado à reforma, teve dificuldades em acompanhar seu mestre. Desenvolveu, também ele, patologias, ambiguidades, distorções. Os motivos são múltiplos e podem ser desconsiderados aqui. Tanto mais imperioso se faz debruçar-se sobre o legado deixado por Lutero e descobrir-lhe os impulsos. Entre eles, permitimo-nos destacar os seguintes:

6.1. Lutero foi protagonista do que hoje se chama *visão "holística" da realidade*. Recuperou não só uma concepção unitária da pessoa, como também da vida em geral. Diz a primeira das 95 teses com que, em 1517, desencadeou a Reforma: "Ao dizer: 'Fazei penitência' (2), etc. [Mt4.17], nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo quis que toda a vida dos fiéis fosse penitência."²⁹⁵ Assim como a penitência, também o recurso à graça, a apropriação do batismo, a vivência da fé deverão ser diários. Já não há mais como dividir a pessoa em compartimentos estanques, como se as coisas afetassem apenas partes dela. O ser humano é um todo, multifacetado, é verdade, e, no entanto, um conjunto indivisível. *Numa época de tão flagrante fragmentação do saber como a nossa, a visão de Lutero representa salutar desafio.* A análise, também a antropológica, destrói, se não seguida de nova síntese. De tais sínteses o século XXI tem urgente necessidade, pois um mundo que se decompõe em especialismos cada vez mais refinados, altamente competentes na respectiva área, mas incapazes de se comunicar uns com os outros, coloca o futuro a perder. Vai sucumbir em razão da desintegração do universo humano e da perda de dimensões vitais da realidade.

6.2. A veemência com que Lutero insistiu na graça de Deus como alicerce da existência humana vai provocar suspeitas numa época que cultua o fetiche da produtividade. *O fascínio exercido pelas forças miraculosas do "livre-arbítrio" humano apagou a memória da gratuidade e a substituiu pelo espírito da conquista e da competição. Do ponto de vista luterano, articula-se nisto um trágico engano.* E sintoma do mesmo que muitas dessas conquistas tenham se transformado entrementes em sérias ameaças. O abuso tolhe a utilidade. As obras humanas, elas salvam?

295 OS 1,22.

Abrem futuro ou preparam a ruína? Não só de conquistas vive o ser humano, mas de toda palavra que procede da boca de Deus (cf. Mt 4.4).

Há de se admitir que *segmentos do luteranismo caíram em unila-teralidades*, fazendo esquecer o compromisso inerente ao dom de Deus. No dizer de Dietrich Bonhoeffer, inflacionaram o evangelho e o converteram em "graça barata".²⁹⁶ Não é esta a posição de Lutero. As boas obras são um fruto necessário da fé.²⁹⁷ Mas elas não justificam. As pessoas, em última instância, não se produzem a si mesmas. *Há uma passividade sem a qual o ser humano deixaria de ser humano*. E passiva sua origem, o seu nascer. E passivo seu fim, o seu morrer. São passivas muitíssimas outras experiências da vida.²⁹⁸ Toda produção humana, por mais necessária que seja, é "secundária". E precedida e possibilitada por um receber. A honestidade não poderá deixar de reconhecê-lo e, conseqüentemente, etiquetar a existência humana com as palavras *sola gratia*. Essa verdade, se fosse realmente acatada, produziria incisivas mudanças pessoais e sistêmicas.

6.3. A antropologia de Lutero aguça a percepção para os poderes que dominam o indivíduo e a sociedade. Lutero tem sido acusado de exagerar a gravidade do pecado. Na verdade, porém, apenas redescobriu o fenômeno da possessão, que, no Novo Testamento, ocupa amplo espaço. Existem forças demoníacas, escravizadoras, encarnadas em pessoas, leis e estruturas, e para isso a teologia latino-americana desenvolveu particular sensibilidade.²⁹⁹ *Libertação exige, antes de mais nada, o exorcismo dos ídolos* - a troca de cavaleiro, para falar em termos de Lutero.

296 Dietrich BONHOEFFER, *Discipulado*, São Leopoldo: Sinodal, 1980, p. 9s.

297 De fato, na visão luterana, as boas obras não são opcionais, embora não possam ser consideradas meritórias. Afirma-o enfaticamente o sexto artigo da Confissão de Augsburg. Veja o estudo mencionado acima, de Martin DREHER (Nota 291). Destaca-o também, com muita propriedade, Jesus HORTAL, Temas atuais da teologia luterana, numa dimensão ecumênica, in: Martin N. DREHER (Org.), *Reflexões em tomo de Lutero*, São Leopoldo: Sinodal, 1984, v. II, p. 46s. Jamais as boas obras foram declaradas irrelevantes pela teologia luterana. Mas importa distinguir entre as "obras da lei" e as "obras do amor". Somente estas últimas são verdadeiramente evangélicas.

298 A essa passividade que precede o ser e que também lhe segue, chama a atenção Gerhard EBELING, *Das Leben: Fragment und Völiendung*, op. cit., p. 332s, 1975. A vida humana, com toda a sua atividade, está profundamente imersa em passividade. Sem o reconhecimento desta - assim poderíamos acrescentar - não existe experiência de gratuidade.

299 De acordo com Gilnter KLEIN, *Der Mensch ais Thema neutestamentlicher Theologie*, *Zeitschrift fur Theologie und Kirche*, Tiibingen, v. 75, n. 3, p. 340s, 1978, a possessão em termos de uma profunda alienação do ser humano é um dos destaques da antropologia do Novo Testamento. Para tanto, são particularmente significativos os exorcismos de Jesus, interpretados por Klein no contexto da atualidade. Com respeito à idolatria como problema candente na América Latina, veja Walter ALTMANN, *Lutero e Libertação*, São Leopoldo: Sinodal/São Paulo: Ática, 1994, cap. 2, com o tema: "O Deus da vida contra toda falsidade enganosa dos ídolos da morte", p. 45-60; -, *Solidariedade -juízo - esperança: legitimidade e falsidade de um falar "luterano" de Deus na América Latina*, in: Walter ALTMANN (Ed.), *Falar de Deus Hoje*, São Paulo: ASTE, 1979, p. 75-95, especialmente p. 85s, bem como a coletânea de estudos sob o sugestivo título *A luta dos deuses: os ídolos da opressão e a busca do Deus libertador*, de Pablo RICHARD et alii. São Paulo: Paulinas, 1982.

Coloca-se, com isso, assim nos parece, o tema decisivo para o terceiro milênio. *Qual é o Deus a comprometer a mente e o coração?* Em que depositar a fé? Um dos mais graves problemas atuais é a confusão na fé, a erosão dos credos tradicionais, o lado-a-lado de relativismo e fundamenta-lismo religioso. A privatização da fé, promovida em nome da globalização, é enganosa. Desvaloriza a fé para tanto melhor impor-lhe controle. Também um mundo secular sabe que a fé move montanhas (Mt 17.20), razão por que não deixa o assunto ao acaso. A propaganda ideológica, promovida pelos meios de comunicação, representa uma nova forma de "missão" em nossos dias. Disputa-se, mesmo em termos seculares, a fé das pessoas. **E**, com efeito, o deus em que se crê desde sempre tem definido a identidade do ser humano. Não deixa de ser verdade que a "*teo*"-logia define a antropologia.³⁰⁰ É a fé que faz a pessoa. "Dize-me em que tu crês, e eu te digo quem és." Também neste sentido, Lutero se revela como mestre da atualidade.

Uma palavra final quanto à relação entre *luteranismo e humanismo*. Será definitiva a ruptura? Certamente a polémica entre Erasmo e Lutero foi necessária. Definiu posições. Mas por sobre as diferenças não deveriam ser esquecidas as afinidades. Mais do que nunca se impõe a necessidade de uma aliança em defesa da dignidade humana. Quem pode aí construir pontes é Filipe Melanchthon, partidário de Lutero e humanista ao mesmo tempo.³⁰¹ O diálogo entre teologia e humanismo deverá necessariamente recorrer à contribuição desse grande educador.

300 Cf. Gerhard EBELING, *O pensamento de Lutero: uma introdução*. São Leopoldo: Sinodal, 1986, p. 200; -, *Evangelium und Religion, Zeitschrift für Theologie und Kirche*, Tübingen, v. 73, p. 254s, 1976. Segundo Ludwig Feuerbach, seguido neste ponto por Kari Marx, Deus não passa de uma projeção dos desejos humanos, portanto de um produto de alienação. Veja a profunda discussão dessa concepção polémica em Walter BIENERT, *Über Marx hinaus zum wahren Menschsein*, Stuttgart/Frankfurt am Main: O. Lembeck, 1979, especialmente p. 59s.

301 É no que insiste, com razão, Hans Martin MÜLLER, *Humanismus und reformatorisches Christentum, Kerygma und Dogma*, Göttingen, v. 21, n. 4, p. 257-276, 1975. Também o humanismo apresenta-se em muitas variantes. A incomunicação, de modo algum, é fatalidade. Veja, entre outros, a coletânea de artigos em Cecília Irene OSOWSKI (Org.), *Teologia e humanismo social cristão: traçando rotas*. São Leopoldo: Unisinos, 2000, além do livrete ainda atual de Hanns LILJE, *Atheismus — Humanismus — Christentum: der Kampf um das Menschenbild unserer Zeit*, Stundenbuch I, Hamburg: Furche 1962.